

CRUZADAS: IMAGENS DA INTOLERÂNCIA

*Ivan Jotta Pereira de Paula
Luciano Furtunato de Souza
Tamara de Oliveiras Sanches**

Resumo: Com o objetivo de apresentar alternativas que possam ser utilizadas pelo professor em sala de aula para a discussão de temas atuais na disciplina de história despertando nos alunos sua capacidade de crítica e interpretação dos fatos sociais e, assim, dinamizar o processo de ensino, buscamos neste ensaio, por meio da temática sobre a intolerância, fazer uma relação da guerra das Cruzadas, disputada entre cristãos e islâmicos, no século XI, com os atentados “terroristas” de 11 de setembro, ocorrido nos EUA.

Palavras-chave: Cruzadas. Terrorismo. Intolerância.

Abstract: This paper aims at presenting alternatives that can be used by the teacher in the classroom for the discussion of current themes in history subjects. The students should be able to criticize and interpret social facts, what will optimize the teaching process. Working on intolerance we relate the Crusades War – between Christians and Islamic people in the eleventh century – with the terrorist attacks of September 11, in the U. S. A.

Key-words: Cruzades. Terrorism. Intolerance.

Introdução

A intolerância é um tema que a cada dia tem batido em nossas portas incessantemente. Ela está presente em todas as épocas, lugares e culturas e manifesta-se de diferentes formas atingindo todos os segmentos de uma sociedade. É o que podemos chamar da “insociável sociabilidade” como destaca Kant, e que se apresenta cada vez mais evidente nas relações humanas. Esta característica só se torna mais branda por necessidade seguida de inteligência, graças ao que podemos chamar de pacto do consenso conflitual do viver-junto. Dessa forma “a tolerância é definida, em primeiro lugar, como uma resignação

* Alunos do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

consensual, que pode ser provisória diante de um mal que só pode ser expirado à custa de um mal maior¹. É percorrendo os complexos caminhos da intolerância que pretendemos pensar a importância da discussão do tema Cruzadas para o debate que nos dias atuais envolve o conflito entre Oriente x Ocidente.

Uma vez que consideramos a História enquanto processo e não um simples amontoado de acontecimentos, é a partir desta perspectiva que entendemos a importância de trazer à cena um tema como as cruzadas, que está carregado de intolerância nos âmbitos religioso, político e cultural se tornando um importante ponto de partida para tentarmos compreender acontecimentos como os recentes atos “terroristas”, das guerras no Iraque, no Afeganistão e no Líbano.

É a partir dessa problemática que pretendemos propor uma alternativa de discussão do tema em sala de aula. O que queremos demonstrar é a importância da utilização do livro didático, muitas vezes um dos poucos livros a que tem acesso o aluno, como um ponto de partida, um dos recursos, e não o único para o trabalho do professor dentro da sala de aula, não podendo a discussão ficar restrita ao que é apresentado por ele.

Uma das principais dificuldades encontradas pelos professores do ensino médio é conseguir trabalhar com os conteúdos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, de forma crítica com o aluno sem ficar “preso” à mera repetição do livro didático.

Muitas vezes o reduzido número de aulas, em sua grande maioria, restrito a duas aulas de 50 minutos por semana, a grande extensão do conteúdo e a constante cobrança provocada pelo PAIES – Programa Alternativo para Ingresso no Ensino Superior, vestibular ou similar para que o conteúdo seja todo “dado”, não ajudam em nada os professores a tentar trabalharem de uma forma diferenciada o conteúdo curricular com o aluno. Isso torna o processo educativo extremamente mais difícil para o professor, pela falta de tempo, carga excessiva de trabalho, provocada muitas vezes pelos baixos salários ou mesmo, pela falta de estímulos por parte da escola, falta de recursos financeiros e humanos para a realização de pesquisa ou desenvolvimento de atividades diferenciadas como visita a museus, exposições, filmes, músicas, revistas além de textos sobre o conteúdo a ser trabalhado dentro de sala de aula.

O que acaba ocorrendo é uma divisão bastante visível entre dois momentos aparentemente distintos, mas que na verdade deveriam complementar-se. Pesquisa e ensino acabam por habitar mundos diferentes.

¹ TALBI, Mohammed. Tolerância e intolerância na tradição muçumana – Definições. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (org.) : A intolerância: Foro Internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p 55.

Geralmente o funcionamento se dá da seguinte forma: primeiramente é realizada a pesquisa, muitas vezes apresentada como algo maior, de mais status, desenvolvida nas universidades e que requer o uso de professores universitários que quase sempre estão descolados da realidade vivida na sala de aula pelos alunos e docentes do ensino médio. Em um segundo momento os resultados dessa pesquisa são aplicados na escola, não permitindo espaço ao professor para a crítica sobre o material, tornando-o mero repetidor do conteúdo e os alunos ouvintes passivos.

O que pretendemos apresentar neste texto é uma proposta, uma alternativa para o professor trabalhar de forma diferenciada com os conteúdos propostos pelos PCN para a disciplina de História de modo a conseguir despertar nos alunos sua capacidade de crítica e interpretação dos fatos sociais vivenciados e possibilitar ao professor dinamizar o processo de ensino de história calcada na idéia de que não há uma verdade absoluta pronta, mas sim considerar que o conhecimento sobre o passado é uma construção feita por estudiosos, que querendo ou não, refletem seus valores, projetam seus interesses, enfim, lembrando que o conhecimento histórico é, na realidade e sempre, um conjunto de interpretações.

Cruzadas e intolerância religiosa: As raízes do conflito do Oriente Médio

Para conseguirmos melhor compreender como as Cruzadas foram possíveis, sendo um conflito que durou quase 200 anos entre cristãos e islâmicos e que marcou profundamente as relações entre Ocidente e Oriente, torna-se necessário primeiramente conhecer o contexto histórico do período anterior ao conflito.

A Europa e o Oriente Médio, nas proximidades do século XI, estavam subdivididos basicamente em três grandes impérios, mas que de maneira alguma, poderiam ser tomados como homogêneos ou livres de contradições e disputas internas como veremos mais à frente.

No Oriente Médio, o mundo Islâmico e no Ocidente, com fronteira no Atlântico, encontravam-se os estados feudais católicos da Europa Ocidental. Entre esses dois blocos existia o Império Bizantino, este, embora com a expansão territorial ocorrida nos séculos XI e XII era um império em declínio. O trono imperial esteve nas mãos de vários usurpadores, muitos dos quais encontraram a morte em circunstâncias suspeitas. Os governos locais, nos distritos administrativos, tornaram-se cada vez mais independentes, e a habilidade do imperador em manter o controle centralizado sobre domínios tão diversos foi seriamente abalada. A necessidade de contratar grande número de mercenários para proteger a infra-estrutura do império demonstrava sua fraqueza integral.

Quando Alexius Comnenus assumiu o trono em 1081, o Império Bizantino estava sendo atacado por todos os lados; batalhas na Ásia Menor, ataques na

costa do Adriático pelos normandos da Itália, forças eslavas do norte, bem como forças turcas combatiam na fronteira de Bizâncio. O exército bizantino tentava contra atacar, mas não estava preparado para esse fim e mesmo após algumas vitórias, elas acabavam se tornando insignificantes no contexto geral. Ao longo do tempo, tornou-se evidente que as chances de uma vitória maior e mais duradoura eram pequenas, sem a ajuda externa.

Foi essa necessidade de soldados, inclusive, que estimulou o pedido de ajuda feito pelo imperador Alexius em 1095, para o pontífice, o papa Urbano II, solicitando que enviasse alguma ajuda para a defesa da Santa Igreja contra os pagãos (mulçumanos), que tinham conquistado quase todas as terras, inclusive Jerusalém, chegando até aos muros de Constantinopla.

O ponto de encontro existente entre o Império Bizantino e a Europa Ocidental se dava pela fé cristã, embora existisse uma diferença entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa de Constantinopla, provocadas pelo Grande Cisma de 1054².

Na Europa vivia-se sob o regime feudal, estimulado pelo período de terror e insegurança provocado pelas invasões entre os séculos VIII e X, praticada pelos mulçumanos, na península ibérica, pelos eslavos, na Europa Oriental e a partir da Península Escandinávia e das ilhas dinamarquesas realizadas pelos vikings ou normandos, “homens do norte”.

A partir do século XI essas invasões diminuem, dando lugar a um período de estabilidade que acaba provocando um surto demográfico. Este crescimento populacional chocava-se frontalmente com o imobilismo de sistema feudal, baseado em unidades auto-suficientes. Como cada feudo produzia o bastante para seu próprio consumo e, devido às limitações técnicas predominantes, não ocorria aumento da produtividade necessária para satisfazer a população.

Na medida em que o sistema como um todo não podia mais sustentar o excedente populacional, muitos acabaram sendo marginalizados e expulsos dos feudos. Esse processo social atingiu tanto os servos como também os senhores, nobres sem terras, vítimas do direito de primogenitura, que dava apenas ao filho mais velho as terras e títulos paternos. Por isso acabavam se tornando cavaleiros andantes vendendo seus serviços militares a outros senhores.

São principalmente esses servos e senhores, excluídos da estrutura social feudal que contribuíram grandemente para a montagem das expedições ao Oriente

² Nome dado à ruptura de comunhão entre a Igreja Romana e a Igreja Bizantina. Três causas principais acham-se na origem dessa separação, que se tornou efetiva no século XI: o cesaropapismo dos Imperadores do Oriente, que isolou do Ocidente a Igreja Grega; a vontade dos patriarcas de Constantinopla (a “Nova Roma”), de afirmar sua primazia em face de bispo de Roma; o fosso que progressivamente se abriu entre gregos e latinos, com uma evolução divergente nos planos canônicos, litúrgico e psicológico.

conclamadas pelo papa Urbano II. A espinha dorsal dos exércitos cruzados era formada por cavaleiros sem terras, enquanto o grosso das tropas a pé era constituída por antigos servos.

O Islã convivia constantemente com disputas internas, motivados tanto por questões políticas, como religiosas. Os governadores locais, tendo conhecimento da fraqueza do governo centralizado de Bagdá, foram rápidos na tentativa de obter vantagens. Entretanto, havia sérias e fundamentais diferenças de doutrina dentro do Islã. Duas seitas, distintas conhecidas como xiitas e sunitas, tinham se desenvolvido. Os xiitas acreditavam que a autoridade espiritual era mantida pelo homem santo, que dizia ser descendente de Ali, o cunhado de Maomé. Os sunitas não concordavam com isso, pois seu líder espiritual era o califa que ficava em Bagdá. Diferenças cada vez maiores entre essas duas seitas tornaram-se mais amargas e exageradas.

Identificava-se, desta forma, a divisão do mundo muçumano em dois blocos distintos. Nestes, inúmeras cidades e pequenos estados escolheram a independência ou, na melhor das hipóteses, estavam somente preparados para apoiar um ou outro bloco.

Na metade do século XI, conhecemos o surgimento de um grande império na Ásia Central comandado pelos turcos, povo nômade da Ásia Central, que haviam sido governados durante o século X pelos persas, que os converteram ao Islã e os tornaram fortes defensores de sua fé.

As conquistas feitas pelos turcos na Ásia Menor, avançou sobre a Síria, Palestina, Damasco e Jerusalém sofreram uma série de interrupções, provocadas principalmente por brigas internas, entre os vários clãs. Havia também, constantes conflitos dentro do Islã entre os turcos sunitas com os fatímidas egípcios (xiitas), assim como uns contra os outros.

A fragmentação da região ao logo do Mediterrâneo não poderia oferecer melhores condições para o início das Cruzadas. O Islã estava muito mal colocado para defender-se de qualquer invasão em suas terras ao mesmo tempo que crescia um forte sentimento religioso em toda a Europa, que era incentivado por um papado confiante.

Aguardava-se apenas por uma convocação à guerra, que não demorou a acontecer e, como vimos anteriormente, foi motivada pelo pedido de ajuda do império mais antigo da cristandade, o Império Bizantino que se encontrava ameaçado pelos turcos.

Oficialmente o movimento conhecido como Cruzadas teve início em 27 de janeiro de 1095, durante o concílio de Clermont-Ferrand, na França, quando o papa Urbano II convocou toda a cristandade para pegar em armas e libertar o Santo Sepulcro e os cristãos do Oriente oprimidos pelo Islã.

É importante ressaltar que as Cruzadas não foram o primeiro movimento cristão contra os muçumanos. Desde a invasão moura da península ibérica, no

século VIII, os cristãos lutavam para libertar suas terras, tendo sido inclusive estimulados ativamente pelo Papa Gregório VII o envio de expedições à Espanha para empreender a reconquista.

A diferença é que essas expedições realizadas contra os muçumanos, na Sicília ou nos portos da África do Norte, tinham um caráter puramente político. Mesmo na Espanha, onde, como vimos, a reconquista não deixou de se apresentar como uma prefiguração da Cruzada, não se tratava, ainda, senão de um empreendimento restrito à península, tendo em vista os interesses de Castela e Aragão.

Ao contrário, quando o papa Urbano II, convocou toda a cristandade para unirem-se contra o islã, travando uma guerra santa, as motivações iniciais eram sobretudo religiosas, mesmo que esses interesses tenham sido deixados em segundo plano nas expedições militares posteriores. Combater o infiel muçumano trazia vantagens materiais, bem como, representava a salvação eterna.

Além da justificativa religiosa para as Cruzadas, existiam outros fatores que a motivavam, a saber: possibilidade da Igreja Romana pressionar a Igreja Ortodoxa de Constantinopla em reconhecer a supremacia do papado sobre toda a cristandade; resolveria o problema do excedente populacional na Europa, representando uma possibilidade de enriquecimento para os nobres, por meio da conquista de territórios; melhoraria, ainda, as condições de navegação e de comércio proporcionadas pelo afastamento dos muçumanos da região do mediterrâneo.

Iniciou-se um grande esforço para a formação de um poderoso exército que pudesse combater no Oriente. Esse exército, uma Cruzada especial, partiu em agosto de 1096, quando a colheita já havia acontecido. Todos que fossem nessa jornada deviam fazer um juramento antes da partida, pois a ameaça de excomunhão estava sempre presente para os que a abandonassem antes da chegada a Jerusalém. Eles deveriam usar uma cruz vermelha sobre o peito, aplicada no manto branco, como o símbolo das Cruzadas.

O apoio dos líderes militares do Ocidente não era unânime. O papado ainda estava se fortalecendo como instituição, e a comunicação não era boa, sendo necessário um grande esforço do papa Urbano II para elevar o conceito das Cruzadas. Alguns líderes também se movimentavam para apoiá-lo, o que foi crucial. Se um chefe apoiasse a causa, seus vassalos iriam segui-lo.

A partir do contexto apresentado percebemos a complexidade das relações que se davam no período. Conflitos de ordem religiosa, política, econômica e cultural evidenciam relações de extrema intolerância entre as partes envolvidas. O que nos remete a afirmação de Françaese Hérítier³ sobre a existência de uma

³ HÉRITIER, Françaese. O conceito de intolerância - Definições. In: BARRET-DUCROCQ, Françaese (org.). *Op. cit.*, p. 24-27.

lógica da intolerância. Ela serve aos interesses dos que se julgam ameaçados. A intolerância aniquila tudo aquilo que se diferencia do que é tido como padrão para um determinado grupo. É necessário estarmos de olhos bem abertos sempre que uma nação tentar se impor em relação à outra, pois são nações convictas de que os outros não pensam, não sentem, não reagem como eles. O sentimento vai da crença na insensibilidade da dor física até a perda de um familiar e, no fundo, é preciso negar o outro como verdadeiro humano para poder excluí-lo. Cometem-se então terríveis atrocidades com o outro não com a intenção de humilhá-lo, mas negá-lo pura e simplesmente o *status* de ser humano.

E nos conflitos presentes no período das Cruzadas percebemos que, como afirma Elie Wiesel⁴, quando a linguagem fracassa é a violência que a substitui. A violência é a linguagem daquele que não se exprime mais pela palavra. A violência é também a linguagem da intolerância, que gera o ódio e sustenta a guerra, mesmo justificada por ideais religiosos. A intolerância desemboca inevitavelmente, na humilhação do outro e, portanto, na negação do homem e de suas possibilidades de realização. Odiar é negar a humanidade do outro, é diminuí-lo. É limitar nossos horizontes ao reduzir os do outro. É ver no outro e, portanto em si mesmo, não um motivo de orgulho, mas um objeto de desprezo e de terror. Em religião, o ódio esconde a face benevolente de Deus.

O ódio com base religiosa, que muitas vezes justifica o uso da violência, como ocorreu nas cruzadas, pode ser identificado claramente nos dias de hoje. Os atuais conflitos no Oriente Médio se baseiam e muito no ódio religioso, além, é claro, de interesses políticos e econômicos que estão em jogo. Esse ódio se baseia no fundamentalismo religioso, que nega ao outro o direito de professar sua própria crença, pois as pessoas consideram sua posição como a única verdade possível, sendo que as outras manifestações religiosas cedo ou tarde, na visão desses fanáticos, desaparecerão. Como analisa Paul Ricœur⁵ a intolerância tem sua origem em uma predisposição comum a todos os humanos, a de impor suas próprias crenças, suas próprias convicções, desde que disponham ao mesmo tempo do poder de impor e da crença na legitimidade desse poder.

Para Umberto Eco⁶ existem vários tipos de fundamentalismos. Nos EUA, principalmente, há o protestante. Nos meios católicos é a autoridade da igreja que avaliza a interpretação, e o equivalente católico do fundamentalismo é antes o tradicionalismo, assim como o fundamentalismo mulçumano e judaico. O autor afirma que o fundamentalismo, o integralismo, e o racismo pseudocientífico são posições teóricas que pressupõem uma doutrina. A intolerância está situada

⁴ WISEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (org.). *Op. cit.*, p 6-9.

⁵ RICCEUR, Paul. O Conceito de Intolerância – Definições. *Idem, Ibidem*, p. 20-23.

⁶ *Idem*. p. 15-19.

acima de qualquer doutrina e, nesse sentido, tem raízes biológicas. Aprendemos a tolerância aos poucos; existe uma intolerância preexistente. As manifestações de intolerância não surgem do nada. Há uma tradição, um passado cultural que arrasta uma interpretação em relação ao outro.

Vemos que esta tradição, permeada por um passado de conflitos, reflete-se no momento presente, principalmente quando o assunto é a questão do Oriente Médio. A diferença dos conflitos atuais com os ocorridos no período das cruzadas é a legitimação da guerra a partir de um discurso civilizatório. A intolerância se encontra presente no discurso civilizatório, já que o povo a ser civilizado não é considerado capaz de fazê-lo por si mesmo. Neste discurso, o agressor legitima o conflito afirmando estar levando a democracia, a liberdade, a modernidade, a regiões dominadas pelo fanatismo religioso, atraso tecnológico, cerceamento das liberdades individuais. O agressor em nenhum momento perguntou a essas nações se elas precisavam deste tipo de “auxílio”, se é que podemos chamar de auxílio o bombardeio e invasão de países soberanos. Ele pressupõe, a partir de suas próprias crenças e ideais, que estes povos precisam de ajuda para se desenvolver, que eles não são capazes de se autogovernarem, mesmo que a ajuda custe milhares de vidas.

Podemos ver como tempos de vergonhosa matança são sempre lembrados e podem ser usados para começar novos conflitos. As chagas das guerras em tempos imemoriais estão abertas até hoje. Não importa quantos séculos se passem, ainda nos lembramos quem estava de cada lado nas principais matanças da humanidade. Essas lembranças são alguns dos fatores que nos unem a diversos grupos sociais, em que os indivíduos se reconhecem como iguais entre seus membros e antagônicos a outros grupos. Os genocídios ocorridos nas Cruzadas são como chagas abertas que sangram até hoje. As cruzadas foram as campanhas militares organizadas pela cristandade para recuperar a terra santa que estava sob domínio muçulmano. O Papa Urbano II convocou os reis cristãos a enviar seus exércitos em resgate ao império bizantino que estava sendo esmagado pelo avanço islâmico. Além de socorrer Constantinopla e retomar Jerusalém, o Papa pretendia exercer influência nos domínios da Igreja Ortodoxa, sediada em Bizâncio.

É interessante que eventos ocorridos há tanto tempo influenciem os ódios que alimentam as guerras perpetradas nos dias atuais. A crise ocorrida após a citação que o papa Bento XVI fez do imperador bizantino Manoel II, criticando o islamismo, é representativa dos problemas que o tema “Cruzadas” pode causar ainda hoje. As respostas dos muçulmanos não se fizeram esperar. Bonecos do papa foram queimados, palavras de ordem contra o Vaticano foram ouvidas em todo o mundo islâmico. Realmente, temos que reconhecer que o exemplo escolhido pelo papa para falar sobre fé e razão foi bastante infeliz. O líder da Igreja Católica deveria saber, mais que qualquer um, que no atual contexto de

crise no Oriente Médio qualquer crítica feita ao Islã poderia ser recebida da pior maneira possível. E se o Islã foi espalhado pela espada, o cristianismo não fica para trás no quesito genocídio. A inquisição, as cruzadas, o extermínio dos povos americanos e africanos, além de sua evangelização forçada e escravidão são fatos incontestáveis da violência que a cristandade espalhou por todo o planeta. Devido a uma única citação criou-se uma crise que ainda vai se estender por um bom tempo.

Não foram poucos os jornalistas, cineastas, intelectuais, políticos, enfim, indivíduos em todos os setores da sociedade, que se remeteram à memória das cruzadas, para discutir a atual questão do Oriente Médio. Por sinal, os exércitos de ocupação estadunidenses dentro do Iraque são amplamente taxados de cruzados pelos muçulmanos. Quando Osama Bin Laden envia mensagens ao Ocidente através de seus vídeos, sempre se refere aos cruzados que assolam o território muçulmano e que estes, assim como os outros, serão derrotados e retornarão para casa dentro de caixões. Em tempos de guerra entre países cristãos e muçulmanos, este simples fato religioso nos atira invariavelmente uns contra os outros, ou pelo menos este é o efeito que os interessados pela discórdia querem causar no mundo, cumprindo assim seus objetivos escusos. Interesses energéticos, comerciais, políticos, e porque não colocar a questão às claras? Interesse de se sentir superior ao outro, dominar o seu destino e mantê-lo sobre seu controle. Impor ideologias, bens culturais, modos de vestir, pensar, se comunicar, andar, cortar o cabelo, sobre quem é considerado “necessitado”, “incivilizado”, “bárbaro”. O imperialista sempre considera necessário “civilizar” os outros. Torná-los dependentes de relações comerciais com as quais ele sempre leva vantagem, mantê-lo sobre uma eterna chantagem econômica e militar.

Todos sabemos como os países de primeiro mundo enxergam o resto da população mundial apenas como pessoas atrasadas, que não conseguem se desenvolver muito menos manter governos democráticos por conta própria. Para estes países centrais o terceiro mundo está aí para ser pacificado, civilizado, democratizado, não importando muito o que as pessoas têm a dizer sobre tudo isso. Eles já escolheram o destino de todos nós, que é se adequar ao capitalismo globalizado, por bem ou por mal. Se seus interesses não forem atendidos, eles não negociam, chantageiam por meio de instituições internacionais, promovem embargos econômicos, apoiam a golpes de estado, perseguem os cidadãos do país alvo e se nada disso funcionar, partem finalmente para a guerra. Guerras onde um dos lados combatentes não tem a menor chance de vencer, o que acaba se tornando uma chacina. Chacina é a palavra, uma guerra em que se medem os mortos de um lado na casa dos milhares e no outro das dezenas é uma chacina. Força bruta usada no seu extremo, fogo e aço guiado por satélite para destruir o máximo de cidades possível. “Bombas inteligentes”, “ataque cirúrgico”, esses são os nomes dados às máquinas e às táticas de extermínio em massa.

O que temos visto nos últimos anos são guerras entre países extremamente bem armados contra povos em condições de terrível miséria. As invasões do Afeganistão e posteriormente do Iraque são momentos exemplares. O Afeganistão é um dos países mais miseráveis do mundo, e foi bombardeado e invadido pela maior potência militar e econômica do planeta, em uma guerra onde a disparidade de forças foi gritante. O Iraque, após dez anos de embargo econômico e constantes bombardeios (além de já estar exaurido pela guerra contra o Irã e a primeira guerra do golfo), caiu feito um castelo de cartas, apesar de a guerrilha popular resistir até hoje. Forças extremamente desproporcionais se confrontam em conflitos em que ninguém vence, apenas se abrem novas feridas, cada vez mais sangrentas. O talibã perdeu o poder, mas não foi completamente destruído. Seus *mujahedins* lutam até hoje contra os exércitos estadunidenses e a aliança do norte, apesar da vista grossa que a mídia internacional faz a este fato. O Iraque, à vista de todos nós pela mídia, não passa um dia sem que algum atentado a bomba ou ataque surpresa de forças rebeldes causem, no mínimo, 20 mortes. A última guerra travada entre Israel e o Líbano deixou mais de mil mortos no lado libanês, além da completa destruição da infra-estrutura do país. É assim que as potências querem fazer a paz mundial? Os EUA e sua formidável indústria armamentista, a maior do mundo por sinal, dizem querer a paz mundial. Será possível acreditar neles? É óbvio que o contexto onde essa indústria mais ganha dinheiro é o da guerra. Assim, é possível acreditar que eles querem a paz? Se existisse algum momento de paz verdadeira na história mundial, este ramo industrial não existiria. Se o estudo do passado nos faz compreender o presente e como chegamos onde estamos, a verdade nunca esteve tão presente quando se trata o tema das cruzadas e o atual conflito no Oriente Médio.

Possibilidades de se trabalhar o tema na sala de aula

Queremos demonstrar que a discussão desses temas, tão atuais em nossas vidas, sobretudo após o atentado de 11 de setembro nos EUA, é possível de ser realizada a partir das Cruzadas, tendo como foco de análise a intolerância religiosa, cultural e política. Apresentamos para tanto três atividades que podem ser desenvolvidas em conjunto ou separadamente pelo professor de forma que consiga trabalhar os conteúdos propostos, motivando discussões e debates dentro da sala de aula com seus alunos e com isso contribuir objetivamente com a formação de sujeitos críticos que tenham a capacidade de se reconhecer como indivíduos, simultaneamente como sujeitos e como produtores nos processos históricos.

O maior problema que identificamos na maioria dos livros didáticos utilizados nas escolas públicas brasileiras é a apresentação dos assuntos de forma muito compartimentada e resumida, acabando por estimular que o aluno simplesmente decore o que está escrito, impondo sua visão como verdades prontas ou acabadas,

e não abrindo com isso, a possibilidade de discussão sobre o tema. Isso acaba por condenar a disciplina de história a ser encarada pelos alunos como algo sem significado para a sua vida, algo vazio e desinteressante.

Acreditamos que o livro didático seja importante, tanto para o professor, quanto para o aluno, mas deve ser utilizado como um suporte e não como único material disponível para ser trabalhado dentro na sala de aula. A responsabilidade de trazer novos materiais não deve ficar somente a cargo do professor, podendo o aluno também contribuir no processo.

Como primeira atividade sugerimos a realização de um debate dirigido utilizando duas diferentes revistas. 'Super Interessante' e 'Biblioteca entre livros'. A duas aulas antes do debate o professor deverá dividir a turma em pequenos grupos (máximo de 5 alunos) e disponibilizar a cada grupo um texto/artigo das revistas citadas, sendo as edições nº. 170 de novembro de 2001 da 'Super Interessante', na qual podem ser utilizados os seguintes artigos: "Abrimos a caixa preta do Islã. Até que ponto o livro sagrado dos muçulmanos incita a violência?", "E se... todo o Islã se unisse contra os EUA e o Ocidente?" e "E se... o Brasil fosse conquistado pelos fundamentalistas islâmicos?" e a edição nº. 3 da revista 'Biblioteca entre Livros' que tem como tema exclusivo o mundo árabe. Nela são apresentados vários artigos trabalhando diversos aspectos da civilização árabe como religião, cultura, literatura, arquitetura, política proporcionando uma visão diferente da revista 'Super Interessante', que citamos anteriormente.

Estes textos jornalísticos abrem espaço para o professor discutir em sala de aula diferentes pontos de vista acerca do Islã e o conflito do Oriente Médio, podendo confrontar as duas interpretações apresentadas nas revistas e proporcionar aos alunos diversas possibilidades de discussão durante a realização do debate.

Como segunda atividade, propomos a realização de uma redação produzida a partir da exibição de trechos dos seguintes filmes: *Cruzadas* e *Crash - No Limite*. Durante a aula o professor apresentará 20 minutos de cada filme destacando aos alunos as diferenças de linguagens e interpretações presentes em cada uma das produções. O filme *Cruzadas* discute a relação de disputas entre Oriente X Ocidente no período do conflito. Já *Crash - No Limite* evidencia a problemática das diversas formas de intolerância nas relações cotidianas da sociedade norte americana sendo uma possibilidade de atualização da discussão do tema sobre a ótica da intolerância. Na redação produzida pelos alunos deve estar presente a discussão sobre o tema intolerância apresentado em ambos os filmes.

Como terceira atividade, propomos a realização de um seminário que poderá ser desenvolvido a partir da bibliografia sugerida abaixo, além da utilização das revistas e filmes das outras atividades mencionadas anteriormente. Isso proporciona os alunos tomarem contato com uma bibliografia ampla, baseada em trabalhos aprofundados de especialistas no assunto, o que enriquecerá ainda

mais o seu aprendizado e ajudará a desmistificar a visão de que o conhecimento histórico seja algo pronto e acabado, mas sim uma constante construção.

Para a execução da atividade, a sala deverá ser dividida em seis grupos, sendo que cada um ficará encarregado de uma temática específica, previamente apresentada pelo professor. Cada um dos grupos ficará responsável pela realização de uma pesquisa e preparação de material para utilizar durante a apresentação do seminário, bem como a elaboração de um exercício avaliativo para ser aplicado ao restante da turma. Todas essas atividades, excluindo apenas a apresentação dos seminários, devem ser desenvolvidas fora do horário de aula, como atividade extra-classe.

Ambas as atividades apresentadas, como dissemos acima, além de ser uma forma alternativa de se trabalhar com os conteúdos propostos, possibilita que o aluno não seja posto apenas como um mero ouvinte e receptor dos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas participe efetivamente da sua formação e entenda que ele exerce um importante papel, além do trabalho servir como forma de fixação e avaliação do conteúdo, dispensando a realização das tradicionais provas.

Referências:

. Livros

Apresentamos como sugestão para pesquisa a seguinte bibliografia que se refere às cruzadas, a intolerância e ao atual conflito no Oriente Médio:

ALI, Tariq. Confronto de fundamentalismos: tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARMSTRONG, Karen. O Islã. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BARTLETT, W. B. História Ilustrada das Cruzadas. São Paulo: Ediouro, 2002.

DORNELES, Carlos. Deus é inocente: a imprensa, não. São Paulo: globo, 2002.

GROUSSET, René. As cruzadas (coleção "saber atual"). São Paulo: Difusão Européia de Livros, 1965.

MAALOUF, Amin. As cruzadas vistas pelos árabes. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLDENBOURG, Zoé. As cruzadas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RESTON, James. Guerreiros de Deus - Ricardo Coração de Leão e Saladino na terceira cruzada. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

DORNELES, Carlos. Deus é inocente: a imprensa, não. São Paulo: Globo, 2002.

SAID, Edward W. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente; tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ALI, Tariq. Confronto de Fundamentalismos; tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2002.

. Livros didáticos

Os livros didáticos não devem ser excluídos. O professor pode motivar os alunos a confrontar diferentes livros didáticos, demonstrando a pluralidade de discursos acerca da História.

BARBEIRO, Heródoto; CANTELE, Bruna Renata; SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. História: volume único para ensino médio. São Paulo: Scipione, 2004.

COTRIM, Gilberto. História Global - Brasil e Geral: volume único. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

VICENTINO, Cláudio & DORIGO, Gianpaolo. História para ensino médio: História Geral e do Brasil: volume único. São Paulo: Scipione, 2001.

Bibliografia

ALI, Tariq. Confronto de Fundamentalismos; tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARBEIRO, Heródoto; CANTELE, Bruna Renata; SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. História: volume único para ensino médio. São Paulo: Scipione, 2004.

BARTLETT, W. B. História Ilustrada das Cruzadas. São Paulo: Ediouro, 2002.

BARRET-DUCROCQ, Françoise (org.) : A intolerância: Foro Internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997/ Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COTRIM, Gilberto. História Global - Brasil e Geral: volume único. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

DORNELES, Carlos. Deus é inocente: a imprensa, não. São Paulo: Globo, 2002.

GROUSSET, René. As cruzadas (coleção "saber atual"). São Paulo: Difusão Européia de Livros, 1965.

MAALOUF, Amin. As cruzadas vistas pelos árabes. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLDENBOURG, Zoé. As cruzadas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RESTON, James. Guerreiros de Deus - Ricardo Coração de Leão e Saladino na terceira cruzada. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SAID, Edward W. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente; tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VICENTINO, Cláudio & DORIGO, Gianpaolo. História para ensino médio: História Geral e do Brasil: volume único. São Paulo: Scipione, 2001.

Revistas.

Superinteressante. São Paulo: Editora Abril, v. 15, n^o 11, nov. 2001.

BIBLIOTECA ENTRE LIVROS. São Paulo: Editora Duetto, v.1, n^o. 3, mar. 2006.

Filme.

CRUZADA. Direção de Ridley Scott, Produção de Ridley Scott, Roteiro de William Monahan. EUA: 20th Century Fox / Kanzaman S.A. / Scott Free Productions, 2005. 145 min.

CRASH - NO LIMITE. *Direção:* Paul Haggis, *Produção:* Don Cheadle, Paul Haggis, Mark R. Harris, Cathy Schulman e Bob Yari, *Roteiro:* Paul Haggis e Robert Moresco, baseado em estória de Paul Haggis. EUA: Bull's Eye Entertainment / DEJ Productions / Bob Yari Productions / Harris Company / Blackfriars Bridge / ApolloProScream GmbH & Co. Filmproduktion KG, 2004. 113 min.